

HANS CHRISTIAN ANDERSEN

O
PATINHO
FEIO

Era verão e o campo estava uma beleza, coberto pelo amarelo do trigo maduro e pela aveia verdinha. Sobre a relva, entre os feixes de feno recém-cortado, uma cegonha de pernas compridas e vermelhas passeava falando sozinha. Em torno dos campos e prados se estendiam grandes florestas e no meio das florestas havia lagos profundos. O campo estava mesmo uma beleza. No lugar mais ensolarado erguia-se uma velha mansão, cercada por um fosso fundo. Dos paredões da mansão até a beira da água do fosso crescia uma folhagem alta, tão alta que dava para uma criança pequena ficar em pé sem que ninguém a visse. No meio da vegetação uma pata chocava seus ovos. Faltava pouco para os ovos se partirem, mas ela já estava ficando enjoada de tanto esperar; nem visita aparecia!

Um belo dia os ovos começaram a se abrir. "Piu! Piu!" Até parecia que os ovos tinham ficado vivos: um a um, os minúsculos patinhos espichavam as cabecinhas para fora da casca e começavam a piar.

— Quá, quá! Saíam! Saíam! — dizia mamãe pata. — Saíam daí, saíam daí!. E os patinhos saíam da casca o mais depressa que podiam, olhando para todos os lados debaixo daquela folhagem toda, e a mãe, sabendo que o verde alegria a vista, deixava que eles olhassem à vontade.

— Uau! Como o mundo é grande! — diziam todos os patinhos. Afinal, até aquele momento eles só tinham conhecido o aperto lá de dentro do ovo.

— Vocês acham que o mundo é só isso? — perguntava mamãe pata. — O mundo vai longe, vai até depois do final do jardim, vai até os campos do padre. Digo isso porque sei, mas nunca fui até lá. Deixe ver: já está todo mundo aqui?. A pata levantou do ninho. — Não, falta um. O ovo maior ainda não abriu. Será que vai demorar muito? — E deitou outra vez sobre o ovo.

— E então? Como vão as coisas? — perguntou uma velha pata que veio fazer uma visita.

— Um dos ovos está demorando muito — disse a pata choca. — Não quer quebrar de jeito nenhum. Mas veja só meus outros patinhos! Não são a coisa mais linda do mundo? A cara do pai, impressionante!

— Deixe-me ver o ovo que não quer se partir — disse a velha pata. — Aposto que é de perua. Uma vez também me fizeram de boba, você não imagina o que passei com aqueles filhotes. Eles têm medo de água, você acredita? Não entraram no fosso de jeito nenhum. Grasnei e gritei tudo o que sabia, e nada. Esqueça esse ovo, vá ensinar seus outros filhos a nadar!

— Deixe-me ver o ovo que não quer se partir — disse a velha pata. — Aposto que é de perua. Uma vez também me fizeram de boba, você não imagina o que passei com aqueles filhotes. Eles têm medo de água, você acredita? Não entraram no fosso de jeito nenhum. Grasnei e gritei tudo o que sabia, e nada. Esqueça esse ovo, vá ensinar seus outros filhos a nadar!

— Vou chocar mais um pouco — disse a pata. — Afinal, já faz tanto tempo que estou chocando que um pouquinho mais não vai fazer diferença.

— Tudo bem! Você é quem sabe! — disse a velha pata, e lá se foi.

Até que finalmente o ovão estalou. Tropeçando, saiu lá de dentro um filhote horivelmente grande e feio.

— Piu! Piu! — dizia ele.

— Que patinho enorme esse aí! — disse a pata quando viu. — Diferente de todos os outros! Com certeza é filho de perua. Bom, logo logo a gente vê. Porque ele vai entrar na água, isso eu garanto, nem que eu seja obrigada a empurrá-lo pessoalmente para dentro do fosso.

No dia seguinte o tempo estava ótimo. O sol brilhava em todas as folhinhas verdes. Mamãe pata foi com a família nadar no fosso. Splash! Mamãe pata pulou na água.

— Venham logo! — disse ela aos filhos, e os patinhos foram pulando um a um. Suas cabecinhas afundavam, mas logo em seguida eles voltavam para a superfície e saíam nadando satisfeitos, mexendo ligeiro as perninhas. Todos foram para dentro da água, até o feioso, que nadava no meio dos outros.

— Peru não é... — disse mamãe pata. — Olhem como ele sabe usar as pernas direitinho, como fica com o corpo bem reto... É mesmo meu filho, tenho certeza. E para falar a verdade, quando a gente olha bem... até que ele é bonitão. Quá, quá. Agora venham, meus filhos, quero mostrar o mundo a vocês e apresentá-los aos outros patos. Mas não saiam de perto de mim para que ninguém pise em vocês. E cuidado com os gatos!

E assim foram todos para o ponto de concentração dos patos. O lugar estava na maior confusão, com duas famílias brigando por uma cabeça de peixe. No fim quem venceu foi o gato, que saiu correndo com a cabeça.

— Coisas da vida! — disse mamãe pata lambendo o bico. Bem que ela gostaria de ter comido aquela cabeça de peixe! — Agora, meus filhos, força nessas pernas! Vocês estão vendo aquela pata mais velha lá adiante? Vão cumprimentá-la. É a mais importante de todos nós: tem sangue espanhol nas veias e é muito valente. Observem a fitinha vermelha amarrada na perna dela. A fitinha é uma coisa estupenda, é a maior marca de importância que um pato pode ter, pois significa que ninguém vai querer acabar com ele, que bichos e homens vão tratá-lo com muito respeito. Não andem com os pés para dentro. Um patinho bem-educado anda com os pés bem separados, igualzinho a mamãe e papai. Isso! Inclinem a cabeça para ela e digam "quá".

Foi exatamente o que eles fizeram. Mas os outros patos olharam para eles e fizeram comentários em voz alta.

— Olhem só! Vamos ter que aguentar outra família para fazer barulho. Até parece que já não tem pato que chegue por aqui! E aquele patinho? O que é aquilo?. Assim não vai dar, assim já é demais!

E um dos patos correu e bicou o pescoço do filhote grande e cinzento.

— Deixem meu filhote em paz! — disse a mãe. — Ele não está fazendo mal a ninguém.

— É, mas ele é muito grande e esquisito — disse o pato da bicada.

— Seus filhos são muito bonitos, madame! — disse a pata idosa da fitinha na perna. — Todos, fora um, que é um fracasso. Eu gostaria muito que a senhora pudesse fabricar de novo esse tal.

— Não vai dar, Excelência — disse mamãe pata. — Ele não é bonito, mas é muito bem-comportado e nada tão bem quanto os outros. Para falar a verdade, acho até que nada um pouco melhor que os outros. Tenho certeza de que quando ele ficar mais velho vai ficar muito bonito. É que ele se atrasou no ovo e acabou ficando diferente!

Assim falando, mamãe pata deu umas bicadinhas carinhosas no pescoço do filho e ajeitou as penas que estavam fora do lugar.

— Os outros patinhos são umas gracinhas — disse a velha pata. — Fiquem à vontade, queridos, mas se encontrarem alguma coisa muito gostosa, por exemplo uma cabeça de peixe, não esqueçam de sua velha amiga aqui.

Assim, os patinhos entraram para a turma do fosso. Mas o coitado do patinho que tinha saído da casca por último e que era tão feio passava o tempo sendo bicado, empurrado e atormentado por patos e galinhas.

— Ele é grande demais — diziam todos, e o peru, que se achava um verdadeiro imperador, estufava tanto o peito que ficava parecendo um navio de velas enfunadas, e depois avançava para aquele estranho filhote graúdo e grugulejava até ficar todo vermelho. O pobre do patinho não sabia para que lado se virar; estava arrasado por ser feio daquele jeito e por ter virado palhaço daquele bando de patos, galinhas e perus.

Assim se passou o primeiro dia e daí para a frente as coisas só fizeram piorar. O coitado do patinho era odiado por todo mundo. Seus próprios irmãos e irmãs eram malvados com ele.

— Se pelo menos o gato desse um jeito em você, sua coisa horrenda!

Até a mãe reclamava.

— Eu queria ver você bem longe daqui!

E tome bicada de pato e de galinha e pontapé da mocinha que alimentava as aves do galinheiro.

A situação chegou a um ponto tal que o patinho feio resolveu fugir e voou por cima da cerca. Os passarinhos escondidos nos galhos dos arbustos voaram apavorados. "Tudo porque sou feio desse jeito...", pensou o patinho fechando os olhos mas sem parar de correr. No fim ele acabou chegando a um grande pântano onde viviam os patos selvagens. Foi lá que ele passou a noite, morto de cansaço e tristeza.

Pela manhã, antes de levantar voo, os patos selvagens deram uma olhada no novo companheiro.

— Que tipo de ave é você? — perguntaram, e o patinho se virou e cumprimentou os outros com muita educação.

— Você é tremendamente feio! — disseram os patos selvagens.

— Mas para nós tanto faz, desde que você não invente de se casar com alguém da nossa família.

Pobrezinho, imagine se ele ia pensar em se casar com alguém!. A única coisa que ele queria era que o deixassem em paz no meio dos juncos e não brigassem com ele por beber a água do charco.

O patinho passou dois dias inteirinhos no meio dos juncos. No terceiro apareceram dois gansos selvagens. Eles tinham saído da casca poucas horas antes, por isso estavam tremendamente orgulhosos de si.

— Ei, amigo! — disseram. — Você é tão feio que estamos simpatizando com você. Você não quer ser nosso companheiro e virar ave migratória?. Há um outro pântano não muito longe daqui onde vivem muitas gansas selvagens, essas criaturas doces e encantadoras, todas elas solteiras e todas craques na arte de dizer "quá". Feio desse jeito, imagine o sucesso que você ia fazer!

— Bang! Crac!

De repente ouviu-se um estrondo e os dois gansos selvagens caíram mortos entre os juncos.

— Bang! Crac!

O barulho se repetiu e bandos de gansos selvagens levantaram voo do meio dos juncos. Era uma grande caçada, o pântano estava totalmente cercado por caçadores. Alguns deles haviam subido nas árvores e vigiavam os juncos. Nuvens de fumaça azul se erguiam entre as árvores escuras e ficavam flutuando na distância, suspensas sobre a água. Ágeis, elásticos, os cães de caça avançaram pela lama; splash, splash, os juncos se inclinaram em todas as direções. Foi uma experiência aterradora para o pobre patinho, que torceu a cabeça para escondê-la debaixo da asa. Exatamente nesse momento um cachorrão de dar medo chegou perto dele com a língua de fora e um brilho horrendo nos olhos. O cachorro se aproximou do patinho com a boca escancarada, mostrando os dentes pontudos, mas depois se afastou sem machucá-lo.

— Ah, meu Deus, obrigado! — suspirou o patinho. — Sou tão feio que nem o cachorro quer saber de mim.

E se encolheu todo, ficou bem quietinho enquanto os tiros zuniam sobre os juncos e revólveres eram disparados por todo lado.

O dia já ia longe quando tudo se acalmou, mas o pobre pato não conseguia criar coragem de levantar a cabeça. Várias horas se passaram até ele abrir os olhos para avaliar a situação e em seguida sair correndo a toda para longe daquele pântano. Atravessou campos e pradarias, o vento soprava com tanta força que ele mal conseguia andar.

De noitinha chegou à cabana de um pobre camponês. A cabana estava tão desmantelada que só não desmoronava por não saber para que lado cair. O vento assobiava com tanta violência ao redor do patinho que ele foi obrigado a sentar-se sobre o penacho do rabo para não ser carregado. Foi então que ele percebeu que uma das dobradiças da porta da cabana estava desencaixada e a porta atravessada no caixilho, deixando espaço suficiente para se entrar na cozinha pela fresta. E foi exatamente o que ele fez.

Na cabana viviam uma velha, a galinha da velha e o gato da velha, e o gato, que ela chamava de Meu Sol, sabia arquear o dorso e ronronar. Outra coisa que ele sabia fazer era estalar e soltar faíscas: era só alisar o pelo dele ao contrário. A galinha, que era uma senhora de pernas curtas, tinha recebido o nome de Cotó. Era ótima poedeira e a velha gostava dela como se fosse sua filha.

Pela manhã a velha, o gato e a galinha perceberam imediatamente que havia um patinho estranho na casa, e o gato começou a ronronar e a galinha a cacarejar.

— O que está havendo? — disse a velha, olhando para todos os lados. Mas como sua vista não era boa, achou que o patinho era um pato gorducho que tinha perdido o rumo.

— Ótimo — comentou. — Agora vou comer ovo de pata à vontade. Tomara que não seja macho. Veremos.

O patinho recebeu permissão para ficar morando com eles por três semanas, mas evidentemente não pôs ovo nenhum. O senhor da casa era o gato, e a galinha a senhora, e os dois passavam o tempo dizendo: "Nós e o mundo!", como se acreditassem ser metade do mundo, a melhor metade, diga-se de passagem. Na opinião do patinho nem todo mundo pensava a mesma coisa, mas a galinha não estava interessada na opinião dele.

O patinho recebeu permissão para ficar morando com eles por três semanas, mas evidentemente não pôs ovo nenhum. O senhor da casa era o gato, e a galinha a senhora, e os dois passavam o tempo dizendo: "Nós e o mundo!", como se acreditassem ser metade do mundo, a melhor metade, diga-se de passagem. Na opinião do patinho nem todo mundo pensava a mesma coisa, mas a galinha não estava interessada na opinião dele.

— Você saber pôr ovo? — ela perguntou.

— Não.

— Então cale a boca.

Depois era a vez do gato.

— Você sabe arquear o dorso, ronronar e fazer seu pelo estalar?

— Não.

— Então não tem direito de dar palpite quando pessoas sensatas dizem alguma coisa.

O patinho ficou muito triste e foi para um canto da cozinha. De repente começou a pensar em sol, em ar fresco, e ficou tão empolgado com o estranho desejo de boiar na água que no fim não aguentou e contou à galinha.

O que deu em você? — perguntou ela. — É tédio, você está com essas manias bobas porque está entediado. Ponha ovos ou ronrone que passa.

— Mas é tão gostoso boiar na água! — disse o patinho. — É tão divertido enfiar a cabeça na água e mergulhar até o fundo!

— Ah, com toda a certeza — disse a galinha. — Na minha opinião você ficou maluco. Pergunte ao gato. Ele é o sujeito mais informado que eu conheço. Você acha que ele gosta de boiar na água e mergulhar até o fundo?. Se duvidar, pergunte a nossa dona; ela é a pessoa mais sábia do mundo. Você pensa que ela está com vontade de boiar e enfiar a cabeça na água?

— Vocês não estão entendendo nada — disse o patinho.

— Se nós não entendemos, quem vai entender? Imagino que você não tenha a pretensão de saber mais que o gato e a velha, isso sem falar em mim. Pare de fazer bico, meu filho, e agradeça a hospitalidade e o carinho que lhe dão. Por acaso não foi recebido numa cozinha quentinha, não achou amigos que lhe ensinam as coisas da vida?. Mas você é muito bobalhão, muito sem graça... Vou lhe explicar algumas verdades, porque é para isso que servem os amigos. Primeiro dê um jeito de começar a pôr ovos e de aprender a ronronar.

— Acho que estou vontade de sair por aí, pelo vasto mundo — disse o patinho.

— Vá em frente — disse a galinha.

O patinho saiu da cabana. Boiou na água e mergulhou até o fundo do lago, mas como era muito feio foi ignorado por todos os animais que encontrou.

Não demorou muito, o outono chegou. As folhas da floresta ficaram amarelas e marrons e o vento se apropriou delas e fez com que enchessem o espaço com sua dança. O ar tinha um travo frio, as nuvens do céu estavam pesadas de granizo e neve e sobre a cerca um corvo grasnava "Cau! Cau!", porque sentia um frio pavoroso. Só de pensar dá um arrepio na espinha. As coisas estavam pretas para o coitado do patinho.

Numa tarde de pôr do sol deslumbrante um bando inteiro de lindas aves bem grandes levantou voo do matagal. O patinho nunca tinha visto coisa mais linda. As aves eram muito brancas, seus pescoços eram compridos e elegantes. Os cisnes, pois aquelas aves eram cisnes, soltaram um grito impressionante, abriram as asas magníficas e voaram das regiões frias para outras mais quentes em busca de lagos menos gelados. Quando eles subiram até o alto do céu, o pequeno patinho feio sentiu uma coisa esquisita. Fez uma curva na água parecendo uma roda, espichou o pescoço para o alto na direção das aves que tinham levantado voo e soltou um grito tão forte e surpreendente que até ele mesmo se assustou. Não conseguia esquecer aquelas aves. Quando elas desapareceram por completo ele ficou tão agitado que mergulhou na água até o fundo, depois voltou para a superfície. Não sabiam como aquelas aves se chamavam nem para onde elas estavam indo, mas o amor que sentia por elas nunca havia sentido por ninguém. Não era inveja, pois não lhe passava pela cabeça desejar tanta beleza para si próprio. Para ele o máximo da felicidade seria aquelas aves aceitarem sua companhia. Coitado do pato feioso!

O inverno chegou, um inverno muito, muito frio. O patinho foi obrigado a ficar nadando para lá e para cá para impedir que a água ficasse completamente congelada. Mas a cada noite que passava o buraco em que ele nadava ia ficando menor ; de tão duro, o gelo começou a estalar; o patinho tinha que mexer as patas o tempo inteiro para que a água não se congelasse com ele. No fim, acabou ficando cansado e parou de se mexer, em pouco tempo estava firmemente preso no gelo.

Cedinho de manhã apareceu um camponês. Ao ver o patinho quebrou o gelo com a botina, depois levou o pobrezinho para casa e entregou-o à mulher, que cuidou dele e o reanimou. As crianças quiseram brincar com ele, mas o patinho achou que estavam querendo machucá-lo ; aterrorizado, voou para dentro do tarro de leite, esparramando o leite pela cozinha inteira. A mulher do camponês começou a gritar e levantou as mãos. Vendo isso o patinho voou para a tina da manteiga, depois para a lata de farinha, depois saiu novamente. Estava uma imundície. A mulher do camponês gritava e foi para cima dele com um espeto ; rindo e berrando, as crianças se chocavam umas contra as outras tentando agarrar o patinho. Por sorte a porta estava aberta e ele pôde fugir daquela casa correndo pela neve recém-caída, foi se abrigar nos arbustos e ficou escondido. Sua sensação era de estar fora da realidade.

Seria muito triste se fôssemos contar todos os sofrimentos, toda a infelicidade que ele foi obrigado a enfrentar naquele inverno tão frio. Mas um dia o patinho estava deitado no pântano no meio dos juncos quando os raios do sol começaram a brilhar e as cotovias a cantar. Havia chegado a primavera.

De repente o patinho abriu as asas e percebeu que elas tinham mais força do que antes e que o impulsionavam para a frente com mais energia. E antes de entender muito bem onde estava, foi parar no meio de um grande jardim onde as macieiras estavam em flor e o ar tinha o perfume adocicado dos lilases que pendiam dos longos ramos verdes e roçavam a água dos canais sinuosos. E bem na frente dele, do meio das moitas, surgiram três cisnes brancos deslumbrantes. Os cisnes ruflaram as penas e flutuaram com muita leveza sobre a água. O patinho reconheceu as criaturas magníficas e foi tomado por um estranho sentimento de tristeza.

— Vou voar até aquelas aves, até aquelas criaturas majestosas, nem que elas me biquem até a morte por eu ser tão feio e ousar chegar perto delas. Mas não faz mal. Melhor ser morto por elas que bicado pelos patos, beliscado pelas galinhas, chutado pela criada e sofrer as agruras do inverno.

E pensando assim, voou até a água e depois nadou na direção dos majestosos cisnes. Os cisnes olharam para ele, ruflaram as penas e vieram em sua direção. O pobrezinho abaixou a cabeça, olhando para a água, e esperou. Mas que foi que ele viu na água límpida?. Por baixo de si, viu sua própria imagem; só que sua imagem não era mais a de um desajeitado pássaro cinza-escuro, feio e repelente. Ele era um cisne!. Pois mesmo tendo nascido no cercado dos patos tinha saído de um ovo de cisne, era um cisne!

O patinho ficou muito feliz pensando nos sofrimentos e dificuldades que atravessara. Só agora tinha condições de entender as maravilhas que o destino lhe reservava. Enquanto isso os grandes cisnes nadavam em torno dele e acariciavam seu pescoço com os bicos.

Algumas crianças saíram para o jardim e jogaram pão e trigo na água. A menor gritou:

— Olhem! Um novo!

Encantadas, as outras crianças também gritaram.

— É, chegou um novo!

E começaram a bater palmas e dançar na margem do lago. Depois foram correndo chamar a mãe e o pai e todos jogaram pão e bolo na água dizendo:

— O mais novo é o mais bonito. Tão jovem! Que beleza!

E os cisnes se inclinaram diante do novo.

Envergonhado, ele escondeu a cabeça atrás da asa. Não sabia o que pensar. Estava muito feliz e todo atrapalhado com tanta felicidade, mas não sentia orgulho, pois um bom coração jamais sente orgulho. Pensou em todos os ataques e humilhações que havia sofrido e em como agora todo mundo vinha lhe dizer que ele era o pássaro mais belo do mundo. Diante de si via os lilases que se inclinavam até a água e o sol quentinho com seus raios brilhantes ; ruflou as penas e ergueu o pescoço esguio e se alegrou de todo o coração por ter encontrado uma felicidade que jamais havia podido imaginar.

FIM